

A CIDADE E O URBANO: EXPERIÊNCIAS, SENSIBILIDADES, PROJETOS

The City And The Urban: Experiences, Sensibilities, Projects

Maria Stella Bresciani

Ciec-Unicamp

sbrescia@lexxa.com.br

Resumo

Denúncias e investigações relativas às más condições das habitações da população operária no século XIX estabelecem o tripé pobreza-doenças-perigo social como um dos eixos das intervenções nas cidades. Iniciativas sanitárias em equipamentos coletivos urbanos correm em paralelo a projetos modelares de "moradias mínimas" embora em franco contraste com o efetivamente edificado, sugestivamente denominado "casernas". Nas décadas iniciais do século XX, a preocupação com induzir famílias a novos hábitos pelo agenciamento do espaço modelar desloca-se significativamente para a casa mínima redefinida em resposta às "profundas mudanças da estrutura social". Novos modos de vida e a coesão familiar desfeita exigem nova concepção de moradia aliada a de mobilidade urbana e dão lugar a padronização industrial e a tipologias padrão com pretensão a universalidade.

Palavras-chave

questão urbana, Ideia sanitária, casas operárias, habitações mínimas

Abstract

Denunciations of and investigations on the bad housing conditions of the 19th century working class established the triad poverty-diseases-social danger as one intervention axis in the cities. Sanitary initiatives on urban public utilities occurred in parallel with model projects of "minimum housing", although in complete contrast to what was actually built, suggestively called "barracks". In the early 20th century, the worry to lead families to new habits through model space organization significantly shifted towards a minimum provision redefined in response to the "deep changes in the social structure". New ways of life and the weakening of family cohesiveness required a conception of housing associated to urban mobility and gave rise to an industrial standardization and to typologies with pretensions to universality.

Key words

Urban Question, Sanitary Idea, Social Question, Housing Question, Dwelling of the poor, Minimum provision.

Recortei como inspiração e diretriz para este diálogo com os colegas arquitetos e historiadores uma frase de Gropius¹,

Ao artista [o arquiteto] incumbe instaurar uma nova ordem, ao historiador descobrir e explicar aquelas do passado (GROPIUS, 1995: 159).

Gropius expunha com essas palavras sua preocupação para com o modo pelo qual os cursos de arquitetura levavam os futuros arquitetos a recalcar o aspecto criador de seu trabalho; para ele, a arte criativa e a história da arte necessitavam ser separadas. Aceitei sua proposta e busquei como historiadora conhecer e entender o processo pelo qual vários saberes se uniram e solidariamente agenciaram a conformação do campo disciplinar urbanismo a partir de um específico tripé: **perigo social/ética-política; doença-sujeira/higienismo-sanitarismo-estética; produtividade-disciplina/ economia política-custo-benefício.**

Dividi a exposição em três partes:

- Da cidade e do urbano ou da cidade ao urbano
- A inserção das casas operárias nas grandes cidades – laboratórios de experiências de programas para padrão de habitação mínima: "*minumum provision*"
- A Ideia Sanitária: da imobilidade de projeções utópicas ao novo nomadismo urbano

1. Da cidade e do urbano ou da cidade ao urbano

Empresto as palavras do filósofo François Béguin² para iniciar meu percurso:

Entre 1840 e 1845, a administração pública britânica solicitou e apoiou duas grandes pesquisas sobre o que hoje chamaríamos o habitat. (...) o interesse dessas pesquisas é justamente mostrar como o habitat se constitui, administrativa e tecnicamente, como um novo domínio de intervenção política (BÉGUIN, 1991: 39).

¹ Em: "Projet pour une formation des architectes in Twice a year", publicado originalmente em 1939 em Nova Iorque e depois em coletânea editada por Editions du Linteau, em 1995. Gropius se mostra preocupado com a formação do arquiteto, pois afirma ser "exagerada a importância dada ao estudo científico e à quase exclusiva orientação baseada no conceito de *beaux-arts* e no passado". Para ele, "uma concepção estetizante, prejudicial à arte, fizera recuar o aspecto criador" da profissão.

² Utilizei a versão brasileira de Béguin, "As maquinarias inglesas do conforto", (*Espaço & Debates* n. 34, 1991). A versão original foi publicada em: **Recherches** n. 29 - L'haleine des foubourgs. Villes, habitat et santé au XIXe siècle. (Lion MURARD e Patrick ZYLBERMAN, orgs., 12. 1977).

Afinal, a preocupação para com a situação sanitária de áreas das cidades e a incidência de epidemias levaram as autoridades públicas a levantar os problemas a serem resolvidos. Com esta meta as pesquisas se detiveram menos na arquitetura urbana e deram maior ênfase ao ambiente urbano como campo de investigação:

Nada de grandes programas arquitetônicos portanto – nesta época o habitat interessava pouco aos arquitetos –, mas uma gigantesca empreitada que visava a reduzir o ambiente a dados técnicos cuja incidência sobre o comportamento e a doença fosse estabelecida estatisticamente, calculada em seus efeitos... (BÉGUIN, 1991: 39).

Contudo, esta afirmação sobre o desinteresse e o distanciamento dos arquitetos a respeito das habitações se ameniza e é logo minimizada por outra observação do autor:

De fato, se a arquitetura aparece como um componente importante destes programas de higiene e de salubridade, esta é sempre reduzida às aptidões físicas das formas utilizadas na habitação e dos efeitos produzidos por estas formas sobre os fluidos ou sobre um modo de distribuição de pessoas e serviços. Efeitos cuja particularidade é serem eles próprios subordinados a outros órgãos de maquinaria urbana – os esgotos, o aparelho de distribuição de água – e estarem assim intimamente ligados às características ambientais do objeto arquitetônico. (...) o que faz com que o habitat seja alguma coisa bem diferente da construção de habitações e bem próximo de uma série de normas técnicas que definem as condições gerais de habitabilidade (...) com elas novos saberes, novos aparelhos e novos atores definem um novo regime para o ambiente do pobre (BÉGUIN, 1991: 39).

O recuo da autonomia do projetar arquitetônico marca uma mudança fundamental; doravante o projeto se organizaria sobre a base da infraestrutura a ser implantada no tecido urbano e em meio a uma rede de saberes e suas específicas diretrizes. Os trechos recortados do artigo de Béguin “As maquinarias inglesas do conforto”, de 1977, trouxeram para o centro da cena urbana um “evento” – as pesquisas decorrentes de outro “evento”, aos surtos epidêmicos de cólera da década de 1830, recorrentes e acrescidos do tifo, até, ao menos, o final do século XIX. Ao estabelecerem estreito vínculo entre doença e sujeira, os relatórios, em particular o de Edwin Chadwick, de 1842, ampliariam de modo dramático as formas de visualizar as cidades.³

³ Edwin Chadwick já havia coordenado a revisão das *Poor Laws* – conjunto de leis sobre a pobreza cujo começo datava do século XVI – resultando na *New Poor Law* de 1834, bastante fundamentada nos princípios benthamitas (Jeremy Bentham). Jurista e assistente de Bentham, ativo nas reformas políticas e sanitárias, assumiu o cargo de secretário da comissão da *Poor Law* nesse mesmo ano, em 1848, participou do comitê do “*board of health for improving the water supply, drainage and cleansing of great URBANA*, V.6, nº 8, jun.2014 - Dossiê: Cidade e Habitação na América Latina - CIEC/UNICAMP

Em seu artigo, Béguin soma à crescente população urbana, em sua maioria relacionada à expansão da manufatura e à industrialização, como também à ampliação sem precedentes da atividade de comércio, à fundamental importância da ocorrência dessas sucessivas vagas de doenças epidêmicas portadoras de alta taxa de mortalidade e, na sequência, as pesquisas dedicadas a definir seus agentes causadores. Ou seja, para ele, as epidemias e as pesquisas teriam constituído o agente catalisador dos vários elementos já presentes nas cidades, em particular nas grandes cidades e seriam constituintes da “questão urbana”.⁴ A constatação não constituía novidade. Na França, o médico Parent Duchatelet já relatara em trabalho de 1824 a íntima e perniciosa relação entre os ambientes insalubres e certas doenças. Seus estudos davam prosseguimento a iniciativas anteriores que a partir dos anos 1740 e 1750 haviam instituído a polícia sanitária na intenção de eliminar ou ao menos diminuir as emanções telúricas por meio de aterros de pântanos, pavimentação de vias e construção de calçadas para uso de pedestres, já presentes em parte das ruas inglesas, e de uma especial atenção às edificações – “rebocar, forrar, pintar, cair paredes, tetos e madeiramentos”, ou seja, “vestir uma couraça contra o miasma”. Em processo simultâneo, se impôs o desamontoar de pessoas em obediência ao princípio de distribuição espacial dos corpos em função da quantidade de suas exalações (CORBIN, 1989: 119 e segs.). A “higiene física” conjugada a “higiene social” passava a exigir a aeração do tecido urbano muito denso, para isso contribuindo a presença de árvores e fontes e a implantação de equipamentos técnicos próprios a dar vazão aos mais variados fluxos – água, esgoto, gás, veículos (CARS; PINON, 1991: 12-13). Formava-se uma nova sensibilidade sensorial dos pontos de vista olfativo e visual que estabelecerá sólidos liames entre as intervenções nas cidades e a noção de embelezamento, a duradoura relação entre o belo estético e a limpeza⁵.

Pode-se, sem dúvida, afirmar ter o artigo de Béguin deslocado o foco das análises bibliográficas sobre as áreas urbanizadas ao conceder ênfase à “Ideia sanitária” formulada a partir das vagas epidêmicas como núcleo da “questão urbana” no século XIX, ou seja, define um patamar de análise muito mais amplo do que a relação industrialização-crescimento demográfico. Nas palavras do filósofo, a tríade

towns” permanecendo até ser fechado em 1854. Entre outros, cf. *Encyclopaedia Britannica*, vol. 5, 1958: p. 186.

⁴ Em longo e detalhado estudo sobre os movimentos de reformas de moradias na França e Alemanha, Nicholas Bullock e James Read (1985: 3) também consideram ser a pesquisa e relatório de Edwin Chadwick *Report on the Sanitary Condition of the Labouring Population of Great Britain*, um “turning point” de dimensão nacional na percepção relativa às péssimas condições nas quais pessoas se viam obrigadas a viver nas áreas pobres das grandes cidades britânicas.

⁵ Não por acaso, as intervenções em Paris seriam denominadas “embellissement” (CARS; PINON, 1991: 51).

“pobreza - falta de higiene - doença” e seus desdobramentos compõem a base sobre a qual se estrutura a questão urbana cujo “custo econômico” mostrou igualar, senão superar, as “diversas formas de ilegalidade e de imoralidade”, até então apontadas (BÉGUIN, 1991: 40).

Ao abrir esta cunha, as reflexões de Béguin sugerem ser prioritária a análise dos problemas concernentes a projetos de infraestrutura urbana e a técnicas exigidas na instalação e funcionamento dos equipamentos em sistemas integrados, e somente depois, e a partir deles, se abre de modo mais pertinente a compreensão da visualidade arquitetônica. Retomo neste artigo as observações do autor referentes às iniciativas com vistas a minimizar os efeitos da “falta de higiene e a imoralidade” presentes no equacionamento dos problemas e nas propostas de modelos para as moradias operárias. Ou seja, o autor se detém na forma como o olhar técnico se arma com conceitos no intuito de organizar a infraestrutura urbana e extensivamente os aplica aos programas de moradias, com evidente preocupação sobre o modo de morar do operário, do pobre em geral. O percurso de seus argumentos sugere a importância de se ir além das questões socioeconômicas, não só relativas à presença constante de concentrações operárias nas cidades industriais, mas também às motivadas pela presença desconcertante e episódica das multidões amotinadas. Ou seja, sob a pressão das reivindicações operárias, por vezes violentas, a pontuação política definia a inflexão das avaliações sobre a dimensão positiva da imprescindível presença de grandes concentrações de trabalhadores nas áreas e cidades onde se instalavam instalações industriais (SMITH, 1993)⁶.

Essa inflexão tem uma temporalidade própria: a ocupação do “espaço público” durante os eventos iniciados na França em 1789. Os movimentos agrupando grande número de pessoas passam a constituir um tema polêmico para parcelas da elite de diversos países e de pensadores políticos do final do século XVIII e no decorrer do século XIX. Tema, aliás, que nos dias atuais ainda é evidente objeto da atenção de pesquisadores e autoridades sanitárias e político-administrativas. A avaliação política instalou-se privilegiadamente no início dos eventos franceses com as várias interpretações e representações da pobreza amotinada, elaboradas de modo indelével

⁶ Em *A Riqueza das Nações* (originalmente publicado em 1776), Smith inicia seu capítulo 1 com observações sobre a importância da divisão do trabalho como estratégia necessária ao aumento da produtividade das manufaturas.

por pensadores como Edmund Burke (irlandês) em seu alerta aos ingleses, em 1790, frente ao “fenômeno inédito (...) de proporções e alcance desconhecidos”.⁷

Os eventos revolucionários mereceram sucessivas interpretações dentre as quais a do escocês Thomas Carlyle quando, em 1837, analisa os movimentos da população amotinada em seu assédio e conquista da Bastilha. Para torná-los visualmente inteligíveis recorre à imagem do “*Chaos*”, metáfora de enorme força sugestiva, já que para ele, descrever o assédio àquela fortaleza talvez transcendesse “o talento dos mortais” (1980: 122).⁸ Representação ampliada, dois anos depois, para então recobrir os eventos relacionados ao movimento cartista, quando expõe em tom de denúncia a cegueira e a despreocupação do Parlamento Britânico e das “classes altas da sociedade” (*upper classes of society*), frente ao descontentamento das classes operárias. Em *Chartism* Carlyle se detém na urgente necessidade de se compreender o significado dos tormentos presentes no “coração dessas almas selvagens e inarticuladas, que lutam em inarticulado tumulto, tal como criaturas mudas em sofrimento, incapazes de expressar o que sentem!” E adverte:

Algo isso significa; há alguma coisa verdadeira no centro dos seus corações confusos – pois são também corações criados por Deus: [entretanto se] para Deus é algo claro, para nós não o é. O perfeito entendimento equivaleria a encontrar seu remédio. Pois, (...) toda batalha é um equívoco; se as partes se conhecessem mutuamente, a batalha cessaria. No fundo, nenhum homem pretende a injustiça; sempre luta por alguma obscura e [ainda que] distorcida imagem de um direito. (CARLYLE, 1980: 154-155)⁹

Carlyle chamava a atenção para uma questão fundamental, “o conflito a se interpor entre a parte alta e a parte baixa da sociedade por toda a Europa, mais doloroso e visível na Inglaterra...”. Dada a urgência da questão, impunha-se conhecer o significado do “descontentamento das Classes Trabalhadoras” e, mais, entender, a forma como “representavam a si mesmas, em seus corações, sua situação, sua condição econômica e moral”. Criticava as pesquisas limitadas a quantificações ou a “estatísticas” por considerar assemelharem-se a “teias de aranha, tal como as

⁷ Nas palavras de Burke (1790:92) ainda na fase inicial do processo revolucionário, primeira metade de 1790: “All circumstances taken together, the French revolution is the most astonishing that has hetherto happened in the world.”

⁸ São minhas as traduções deste e dos subsequentes trechos de Carlyle.

⁹ A tradução é literal e as palavras entre colchetes foram necessárias para tornar as frases inteligíveis em português: “a clear interpretation of the thought which at heart torments these wild inarticulate souls, struggling there, with inarticualte uproar, like dumb creatures in pain, unable to speak what is in them! Someting they do mean; some true thing withal, in the centre of their confused hearts, - for they are hearts created by Heaven too: to the Heaven it is clear what thing; to us not clear. (...) Perfect clearness on it were equivalent to remedy of it. (...) all battle is misunderstanding; did the parts know one another, the battle would cease, No man at bottom means injustice; it is always for some obscure distorted image of a right thathe contends: (...) yet still the image of a right”.

peneiras das Danáides, belamente reticuladas, mas sem fundo, sem levar a conclusão alguma. Tabelas”, conclui, “são abstrações, enquanto o objeto é bem concreto e muito difícil de ser interpretado em sua essência” (CARLYLE, 1980: 157).

A força imagética e analítica dessas palavras se impõe por enfatizar dois problemas fundamentais – a ameaça política e a limitada compreensão da “*England Question*”, ambas analisadas e apresentadas nos quadros estatísticos das pesquisas quantitativas. A poderosa imagem da ameaça política ou, em outra vertente interpretativa, a crescente consciência da classe operária, relaciona-se a outra imagem de grande poder argumentativo, a da relação mensurável entre a produção industrial e suas atividades correlatas e o inaudito e imprescindível crescimento do contingente operário nas grandes capitais e cidades industriais. As duas imagens, multidões amotinadas, multidões reunidas em locais de trabalho oferecem pontos de vista de importância inquestionável para a análise historiográfica, mas se manter restritos a elas implica em se chegar a compreensão limitada dos complexos problemas urbanos que vieram à tona na primeira metade do século XIX. As questões socioeconômicas e políticas se conjugam aos preceitos médico-sanitários, às preocupações filantrópicas e à importante pontuação jurídica da legislação.

Lembremos que às duas imagens – multidões no trabalho – multidões no espaço público – foram conjugadas as figuras metafóricas do “câncer” e do “monstro urbano”, recolhidas, a primeira da noção médica setecentista de “patologia urbana”, a segunda, de um amálgama da monstruosidade inerente à força destrutiva instintiva das multidões amotinadas, equiparada, com sinal negativo, a incrível força produtiva das máquinas (BRESCIANI, 1984-85: 35-68). A imagem orgânica solidária à representação da cidade marcada por uma concepção organicista se encontra nos escritos do alemão Reinhard Baumeister (1876) e se estende ao início do século XX, quando assume um pretensível caráter “científico” nos escritos do biólogo escocês Patrick Geddes nos quais o autor elabora a concepção evolucionista da cidade ou da urbanização.¹⁰ Importa notar que esta concepção de enorme poder metafórico, daí facilitadora para a indução interpretativa, ainda é muito utilizada, sem a devida atenção para sua base conceitual ambígua. Ou seja, a concepção organicista oferece um quadro interpretativo que define de antemão o alcance das possibilidades das análises e interpretações.

¹⁰ Cites in *Evolution: A Introduction to the Town Planning Movement and the Study of Civics* (Londres: Williams & Norgate, 1915), Cf. WELTER, 2002. A referência a Baumeister encontra-se em PICCINATO, 1974: 41.

1.2. A cidade observatório se inscreve no urbano pelos mapas e relatórios

Voltemos à cunha aberta pelo filósofo Béguin ao trazer para a cena da pesquisa historiográfica “o custo econômico e social do desconforto” nas cidades, exposto pelas pesquisas conduzidas pelo jurista, convicto utilitarista e ex-secretário de Jeremy Bentham, o inglês Edwin Chadwick no início da década de 1840 (CHADWICK, 1842). Vale sublinhar ter Lord John Russell escolhido para conduzir a pesquisa exatamente Chadwick, já afeito às questões das condições da população pobre. No início da década de 1830 coubera a ele o exame e a revisão da enorme jurisprudência composta pelas *Poor Laws* que resultara na *New Poor Law* de 1834. Afinal, “a população trabalhadora” constituía também o foco da nova pesquisa. No *Report* sobre as condições sanitárias e as doenças epidêmicas, Chadwick faz referências a e trás informações de médicos franceses, Jean-Baptiste Parent-Duchâtelet e Louis Villermé, bem como do economista belga Édouard Dupcpetiaux. Nele, o jurista demonstrava matematicamente a relação “custo-benefício”, vale dizer, ser bem menos dispendioso prevenir as doenças contagiosas do que arcar com as despesas para conte-la somadas ainda à perda de braços úteis para o trabalho, já que a taxa maior de mortalidade recaía fortemente na população operária. Uma observação adicional não deixa de ser significativa, a de ter sido o filósofo John Stuart Mill o revisor do relatório para sua publicação (BROWNE, 1998: XXIV).

A posição de Béguin parece ser o eco das palavras do médico higienista Jules Rochard em dois trabalhos importantes de finais do século XIX: *Traité d'Hygiène publique* (1889) e *Encyclopédie d'Hygiène et de Médecine publique* (1891), súpula detalhada do campo de conhecimentos sobre questões sanitárias formulado no decorrer do meio século subsequente às pesquisas. A presença avassaladora das doenças epidêmicas como elemento iluminador das péssimas condições sanitárias das cidades foi assim registrada pelo médico:

Foi necessário o rude agulhão de uma nova peste, a cólera para movimentar os povos modernos. Em Paris, foram feitas “descobertas cruéis” quando da eclosão da cólera em 1832 e nos cortiços miseráveis privações inomináveis foram expostas. (...) Entretanto, vários anos decorreram até que sérios esforços fossem buscados para dar a Paris ar, água, limpeza (...) de forma científica e sincera. (ROCHARD, 1891: 21-22)¹¹

¹¹ Trata-se do Livro III – Hygiène urbaine. O *Sanitary Movement* se organiza na Grã-Bretanha, nos anos de 1830, frente à sequência de epidemias de cólera: Newcastle-1831, Exeter, York, Londres e Manchester-1832, Leeds-1833, Newcastle e York-1849. Middlesborough e Liverpool-1854, de acordo com Frédéric Lab na Introdução a *Hygeia* (RICHARDSON, 2006: 20).

A questão assume nos trabalhos de Rochard importância primordial e a ela o autor dedica dois extensos capítulos da *Encyclopédie* nos quais detalha em minúcias as prescrições técnicas a serem adotadas nas obras de "vias públicas" e nos equipamentos subterrâneos. Na longa exposição a respeito da qualidade dos solos, das técnicas de drenagem das águas paradas, da captação e distribuição de água potável e da coleta das águas usadas, em dupla canalização, foram obras por ele denominadas constitutivas de uma "cidade subterrânea". Suas conclusões expostas em longas digressões confirmam a importância dos equipamentos de infraestrutura urbanos a eles conferida por Béguin como "operadores da domesticação", ou seja, do controle dos fluídos e dos movimentos das pessoas nas cidades, bem como da estrutura arquitetônica das moradias. Rochard e Béguin, separados no tempo por quase um século, permitem formar a imagem metafórica da derrubada das muralhas defensivas em torno das cidades substituídas pelo conjunto de conceitos que passaram a oferecer apoio analítico, interpretativo e de controle do "fenômeno urbano". Afinal, as muralhas caíram por sua pouca utilidade frente ao poderio das armas modernas, mas também, perante a afirmação de que, daí em diante reconhecia-se estar o inimigo dentro da cidade e exigiam outras armas de combate (BRESCIANI, 1991a; 1991b).

Quando Béguin indica que as pesquisas da década de 1840 "afirmaram cada vez mais claramente as relações entre a pobreza, a falta de higiene e a doença, entre o desconforto e as formas de ilegalidade e de imoralidade" ele conduz o foco para o novo método, a "survey" com sua dissolução da materialidade visível da cidade em proveito da "concepção do urbano como meio, onde se entrecruzam os órgãos da maquinaria urbana e os componentes físicos de um terreno" (BÉGUIN, 1991: 43). A cidade sensível, visível em suas diversas temporalidades, era deixada aos poetas, cronistas, literatos, aquarelistas, pintores e moradores despreocupados com o que ocorria no subsolo, embora usufríssem das facilidades dos equipamentos urbanos.

A leitura crítica dos problemas da cidade, a "questão urbana", iria impor a representação gráfica dos mapas em escala como pressuposto das intervenções e com ela a densidade histórica da cidade se retrai, se dilui e mesmo desaparece. A representação gráfica, base indispensável para "o urbanismo moderno" (e aqui cabe lembrar a controvérsia nominalista da inaplicabilidade do termo urbanismo antes da formação da disciplina no início do século XX), nasce, segundo Béguin (1991: 44) "com as técnicas que permitem compreender e quantificar certos fenômenos urbanos, fabricar novas imagens da cidade, captar água, organizar a drenagem, mas também iluminar as ruas, vigiar os habitantes, etc.." A implantação da infraestrutura urbana se

URBANA, V.6, nº 8, jun.2014 - Dossiê: Cidade e Habitação na América Latina - CIEC/UNICAMP

encontra no cerne das várias dimensões dessa concepção sistêmica e interligada das técnicas, e conformou a base arquitetônica da casa, a partir da distribuição da água e do gás, da circulação do ar e da luz, bem como organizou o modo de distribuição dos serviços, de privatização do que era ou se fazia em público, de modo a “modificar aos poucos todo o regime das práticas do habitante” (BÉGUIN, 1991: 53).

Um longo período decorreu, entretanto, entre essas pesquisas – com sua evidente demonstração “dos custos do desconforto” causador das graves doenças epidêmicas e endêmicas – e as aplicações desses princípios à relação custo e benefício ligada à construção das casas populares (na França, *Habitation à bon marché*. (H.B.M.), na Alemanha recém unificada, a *mietskaserne*, na Inglaterra a sequência interminável de casas padronizadas. Buscava-se contornar pela lógica do agenciamento espacial o medo de reunir numa mesma área um número elevado de operários, “o perigo social”.

Foram inúmeras as pesquisas desenvolvidas na primeira metade do século XIX que, como a de Engels, sempre uma referência, proporcionaram boa parte das observações sobre as condições da classe operária (ENGELS, 1960). Os resultados transcritos em relatórios apontam para a diversa formação profissional dos pesquisadores e permitem, exigem mesmo, leituras por prismas diferentes. Os relatos médicos prevalecem e neles se enfatiza a íntima correlação das “condições morais e físicas das classes trabalhadoras” e o ambiente em que viviam. O médico Dr. Kay expõe longamente, em 1832, que mesmo nos distritos recentemente urbanizados de Manchester, embora obedecessem aos regulamentos municipais e dispusessem de esgotos, ainda assim, as casas sofriam de má drenagem, má ventilação, ausência de privadas (*privies*), e no bairro ruas estreitas não eram pavimentadas, e nelas buracos profundos serviam de receptáculos de lama, lixo e sujeira insuportável (KAY, 1832 apud PIKE, 1966: 309-312). A média de vida em Manchester e na cidade portuária de Liverpool era de 26 anos, bem abaixo da expectativa de 41 anos para a Inglaterra e Gales (DAVIS apud PICCINATO, 1995: 39).

O ambiente extremamente nocivo permitia ao Dr. Kay estabelecer vínculo sólido com as doenças. “O estado das ruas afeta poderosamente a saúde dos habitantes”, afirma o médico, e as exalações nocivas e abundantes nesses lugares seriam a causa da rápida propagação do tifo e de outras doenças contagiosas. Casas sujas, úmidas, com mobiliário precário; seus moradores mal alimentados, mal vestidos, encontravam-se destituídos dos confortos da vida e as observações recaem no domínio da moral, se deixavam levar pelos “apetites animais”. Suas descrições minuciosas expõem casas construídas em terrenos inadequados, abaixo do nível da

URBANA, V.6, nº 8, jun.2014 - Dossiê: Cidade e Habitação na América Latina - CIEC/UNICAMP

rua, amontoadas em espaços extremamente insuficientes, os porões habitados, em particular, por imigrantes irlandeses em obrigatória e estreita convivência com ladrões. A descrição é dantesca e torna-se mais assustadora quando o médico afirma que “grande parte do distrito encontra-se circundado pelas maiores fábricas, cujas chaminés vomitam densas nuvens de fumaça, que permanecem paradas pesadamente sobre essa região insalubre” (KAY, 1832 apud PIKE, 1966: 309-312).

Alguns anos depois, Engels se apoia nesses relatórios médicos e na observação *in loco* para confirmar que, se em Londres as pessoas se alojavam em casas antigas, mal conservadas e mesmo arruinadas, a situação em Manchester também deixava a desejar. Embora novas casas tivessem sido construídas, situavam-se em ruelas longas e ruas sem saída; seus pátios retangulares, apesar de não apresentarem uma “arquitetura anárquica”, emparelhavam com ruelas e outros pátios construídos arbitrariamente; as ruas formam um labirinto sem aeração; algumas ruas possuem canais abertos para correr o esgoto (*caniveaux*), nelas há “muita sujeira, restos de materiais, cinzas, buracos alagados, porcos em meio a dejetos ou fechados em cercados dentro de pátios minúsculos”. Em síntese, “a atmosfera desses pátios, fechados de todos os lados, exala um terrível fedor devido à putrefação das matérias animais e vegetais”. A abertura de uma rua ampla e bem mantida no meio do bairro – Miller Street – dissimula, diz ele, “o que há detrás, encontrável se movido pela curiosidade se penetra por uma das numerosas passagens que levam aos pátios”. (ENGELS, 1960: 92-93).

Descrições aproximadas são relatadas por outros médicos. O Dr. Southwood Smith se detém no bairro londrino Bethnal Green em apêndice ao *4th Report of the Commissioners appointed under the Poor Law Amendment Act, 1838*. Após minuciosa descrição do bairro operário, o médico diz não estender seu relato às condições do bairro vizinho Whitechapel, pois seria repetir o já observado. Apesar disso, faz um resumo das condições encontradas: “A maior parte de Whitechapel é muito mal drenada; em muitos lugares a população se encontra densamente amontoadada; as ruas, pátios e ruelas, tal como estão construídas, não admitem correntes de ar; grande quantidade de matéria em estado de putrefação permanece na vizinhança das casas, e as próprias casas se encontram extremamente sujas” (KAY, 1832 apud PIKE, 1966: 315). Os médicos Kay e Southwood formaram com o também médico Neil Arnot, todos “convictos sanitaristas”, a equipe coordenada por Chadwick em 1838 para investigar as causas da epidemia de tifo no leste da capital. Os resultados foram tão alarmantes que o bispo de Londres dirigiu-se a *House of Lords* do Parlamento para solicitar a extensão da pesquisa que prosseguiu nos três anos seguintes e foi

URBANA, V.6, nº 8, jun.2014 - Dossiê: Cidade e Habitação na América Latina - CIEC/UNICAMP

apresentada no *Report on the Condition of the Labouring Population of Great Britain* (PIKE, 1966: 336-337).

Quando pesquisas técnicas e análises políticas, somadas à própria pesquisa *in loco*, são utilizadas na composição de um só texto, como o de Engels, elas nos obrigam a enfrentar a nem sempre evidente polissemia dos relatos; polissemia ampliada quando a elas se soma a literatura ficcional com pretensão realista. O relato de Engels é pungente, escrito por um homem letrado que se mostra aturdido diante dos contrastes dessa Londres desigual e desconcertante, sua porta de entrada na Inglaterra. Seus relatos pontuam-se em imagens de grande poder persuasivo. Ele se diz surpreso por encontrar na proximidade de ruas largas e bem traçadas (*Oxford Street, Regent Street Trafalgar Square e Strand*) o enclave de St. Giles, denominado “nicho de corvos”, “um amontoado de casas de três e quatro andares, construídas sem planos, em ruas estreitas, tortuosas e sujas (...) onde só se vê pessoas da classe operária”. Ao observar casas ocupadas de alto a baixo, sujas por dentro e por fora, nos porões, nos pátios e nas ruelas transversais, as imagens acrescentam força metafórica a sua avaliação: “a sujeira e o péssimo estado de conservação ultrapassam a imaginação; (...) nenhum vidro intacto, muros leprosos, portas sem esquadrias e janelas quebradas e fechadas, quando o são, por tábuas pregadas”. E lá localiza a impossibilidade de se “resistir aos efeitos desmoralizantes da miséria, da sujeira e do meio”. Sua excursão pelos bairros londrinos se estende aos maiores bairros operários no leste da cidade, *Whitechapel e Bethnal Green*, onde 1.400 casas abrigam 2.795 famílias, cerca de 12.000 pessoas; situação, diz ele, denunciada em relatório pelo pastor da paróquia e exposta em artigos de periódicos radicais e cartistas. Números e condições também denunciadas por órgãos da grande imprensa londrina, como o *The Times* (17 e 25.11.1843; 01.1844, cf. ENGELS, 1960: 63-64).

A visita se dava em 1840 e Engels vinha a serviço de seu pai, empresário prussiano. Entretanto, sua perspectiva crítica logo o conduziu a contabilizar os sacrifícios impostos aos trabalhadores para que Londres atingisse a condição de capital comercial do mundo, dispondo de docas gigantescas onde milhares de navios aportavam; uma cidade na qual “se amontoavam 3,5 milhões (sic) de pessoas”.¹² Suas primeiras impressões confirmam as de Carlyle – a de turbilhão caótico – e redizem com outras palavras o que este autor afirmara em 1829 no artigo *Signs of the Times* (CARLYLE, 1980). Causa-lhe apreensão a multidão das ruas por ter “algo de repugnante”, por expor o isolamento do indivíduo fechado em seu egoísmo. Constitui,

¹² Creio ser erro os 3,5 milhões, pois são sempre citados 2,5 milhões de habitantes.

diz ele, o “princípio fundamental da sociedade atual (...) a desagregação da humanidade em mônadas, cada um com seu princípio e finalidade de vida particular, a atomização do mundo levada ao extremo” (ENGELS, 1960: 60).

Certamente Engels não culpa o operário pela situação, “indigna de um homem”, já que várias famílias de trabalhadores dão exemplo de vida digna e laboriosa. A observação de Carlyle sobre ser o *cash nexus* (relação monetária) o único elo entre o trabalhador e o patrão encontra paralelo na teoria do trabalho mercadoria exposta pelo pesquisador francês Eugène Buret, para quem, o trabalho “considerado abstratamente como uma coisa”, “assimilado à máquina, uma coisa insensível”, constituía um dos pilares da economia política (BURET, 1840: tomo 1º, 42-43). Engels segue a mesma trilha ao expor “o estado de coisas monstruoso” decorrente do vazio entre as classes sociais. Até o articulista do conservador *The Times* (12.10.1843) reconhecia, diz ele, a estreita proximidade física entre duas situações opostas: os “mais refinados prazeres proporcionados pela saúde física, a euforia intelectual e os inocentes prazeres dos sentidos e a miséria cruel! A riqueza ri do alto de seus brilhantes salões com uma despreocupação brutal, tão próxima e ignorante das feridas da indigência!” O articulista do *The Times* alertava para a necessidade de que “os homens refletissem, (...) que pensassem e aprendessem, não a construir teorias, mas à agir.” (ENGELS, 1960: 69)

Se a estrutura e a narrativa do livro de Engels obedecem a opções pessoais, suas avaliações se valem dos numerosos relatórios oficiais da administração pública britânica, dentre eles a pesquisa coordenada por Edwin Chadwick. A estrutura de seus argumentos torna evidente como o campo de observação das condições das cidades se forma a partir de uma rede de colaboração entre profissionais de diversas áreas e pressupostos compartilhados pela elite intelectualizada de diversos países. As várias citações de trechos de *Chartism*, de Thomas Carlyle, de quem traduzira e publicara trechos de *Past and Present*¹³ nos Anais franco-alemães (ENGELS, 1960: 109), sugerem que, embora os dois autores não fossem adeptos do mesmo ideário político, nem da solução a ser dada à questão das condições de vida das classes pobres inglesas, o socialista Engels concordava com a análise crítica do conservador romântico Carlyle.

A relação entre as péssimas condições de moradia, a má e insuficiente alimentação, e as doenças constitui dimensão da “questão inglesa” exposta em longas

¹³ Esses textos de Carlyle, *Chartism* e *Past and Present*, constam na íntegra de **Thomas Carlyle. Selected Writings**, Penguin, 1980, p.149-231 e 257-281, respectivamente.

páginas de vários autores.¹⁴ As pesquisas sugerem serem o crescimento demográfico e a industrialização uma séria e primordial preocupação econômica justamente quando se torna explícito para autoridades e a elite letrada da Grã-Bretanha a ameaça mortal das vagas epidêmicas. Ao quadro estatístico sobre a relação demografia-industrialização somava-se a estatística das doenças epidêmicas, causadoras da alta mortalidade e dos dias de trabalho perdidos, aliás, também pelas faltas provocadas pelas doenças endêmicas. Acrescia-se um item à “questão operária”, já que, em 1776 a preocupação de Adam Smith limitara-se a provável imbecilização do operário submetido à divisão do trabalho nas manufaturas em função da ação repetitiva e a consequente perda de nível intelectual do trabalhador – este o lado negativo do aumento da produtividade fabril – porém já indicava a solução: a escolarização, ainda que mínima (SMITH, 1993: 213-218).

Pesquisas e relatórios denunciavam a situação da classe operária também em outros países, e aqui nos limitamos a França e a Prússia, depois Alemanha (1871), em sua maioria formada por migrantes de áreas rurais expulsos ou atraídos pelas oportunidades abertas pelo sistema fabril. Na França, desde ao menos a década de 1830 a Academia de Ciências Morais e Políticas propunha o tema em seus concursos. Em trabalho premiado em 1840, o filantropo Eugène Buret diz que o foco de interesse da Academia voltava-se para uma questão bem definida – “la misère des nations” – e propunha o tema nos seguintes termos: “en quoi consiste la misère; par quels signes se manifeste en divers pays; quelles sont ses causes” (BURET, 1840: I, II, V).¹⁵ Entretanto, ele a considera genérica e muito ampla e opta pelo recorte mais restrito de um estudo comparado entre Inglaterra e França baseado em pesquisa de campo por ser o país privilegiado para os estudos sociais e ter sido pioneiro em legislar sobre a pobreza desde os tempos de Elizabeth I. Interpunha-se um contraste com a França, onde a legislação restringia-se à pobreza criminosa e à mendicidade. Pesquisas recentes e a promulgação da nova *Lei dos pobres* na Inglaterra (1834) permitiriam, a seu ver, “surpreender o mistério social que desejava descobrir” (BURET, 1840: II). Propunha para seu trabalho uma indagação básica: se durante o século XVIII havia se desenvolvido uma teoria completa sobre a produção da riqueza que dera origem a

¹⁴ A tuberculose (tísica) a escrofulose ou o raquitismo eram doenças endêmicas nos bairros pobres de Londres; a escarlatina e o tifo atacavam com violência desde o início do século, e atingem de modo surpreendente várias cidades em 1826 e 1837, por ocasião de crises econômicas. Os números alarmantes expunham o nível de periculosidade dessas doenças que atingiram 6.000 pessoas em 1817 e 10.000 vinte anos depois. As piores haviam sido a epidemia de cólera e as vagas de febre tifoide que atingiram, em 1842, 1/6 da população pobre da Escócia e, em 1843, 12% - 32.000 pessoas em Glasgow (ENGELS, 1960: 104-146)

¹⁵ Poderia ser traduzido por: “a miséria das nações” e “em que consiste a miséria; por quais sinais se manifesta em diversos países; quais são suas causas”.

uma nova ciência – a economia política – nada fora produzido, contudo, sobre a pobreza, um assunto tão premente. Ainda que Adam Smith houvesse se preocupado com questões da filosofia social e da educação pública, diz Buret, essa preocupação desaparecera entre seus discípulos, Ricardo e J-B Say, com os quais a economia política se tornara “a teoria abstrata da produção e dos valores, abdicando de toda ideia de reforma social” (BURET, 1840: 4-7).

Denomina seu trabalho “economia social” em contraponto à “economia política”, e propõe colocar “frente ao quadro da riqueza das nações o quadro da pobreza das nações” (BURET, 1840: 13). Para ele a miséria constituía um fenômeno da civilização, e via na caridade uma mera panaceia, dado não assegurar “ao pobre os meios de conquistar pelo trabalho a satisfação de suas necessidades” (BURET, 1840: 113). Seus escritos perseguem um intuito declarado: alertar os franceses para algo que poderia vir a ocorrer também em seu país: a degradação da pobreza até o pauperismo (*pauper*), termo inglês para designar a condição limite da miséria (BURET, 1840: 108). Encontramos em suas palavras, como em Carlyle, uma declarada preocupação política ao alertar para a posição assumida pelos cartistas ingleses que, extenuados pelo trabalho e famintos, culpavam o governo e a sociedade, e propunham assim, derrubar os dois. E completa: “Que os chefes das nações cuidem para que a opinião dos cartistas não se torne jamais a opinião popular!” (BURET, 1840: 129).

No intuito de trazer dados concretos, Buret dedica o Livro II, 1º tomo de seu extenso trabalho (922 páginas) a “triste peregrinação pelo inferno deste mundo, tão fecundo de dores como o de Dante”. Desta imagem dantesca, promete nada exagerar, mas nada calar, do que tiver diante dos olhos, mesmo o “mais terrível dos espetáculos”. Seu relato busca subsídios em pesquisas do início da década de 1830, as do Dr. Kay, são bastante citadas ao longo de seu trabalho. Talvez até por isso, haja observações tão semelhantes às de Engels, o que sugere serem informações bastante difundidas entre os interessados pela questão da pobreza.

Sobre a capital francesa suas observações assemelham-se à das cidades inglesas nos detalhes das más condições ambientais: “Se penetramos nos velhos bairros de Paris, (...) na *Cité*, nas ruas estreitas e populosas dos 9º, 8º e 12º distritos, encontraremos a cada passo a imagem da pobreza e da miséria. (...) ela inspira a repugnância e o horror, pois choca ao mesmo tempo todos os sentidos” (BURET, 1840: 311-432). Retoma descrições e avaliações quantitativas apresentadas pelo médico Villermé que, segundo ele, havia percorrido todas as cidades industriais

do país, e cujas observações pouco diferiam dos longos relatos sobre as condições de vida do trabalhador pobre na Inglaterra.¹⁶

Filósofos, filantropos, juristas, médicos e economistas formam uma rede entretecida por observadores de diversas nacionalidades; trocam experiências por meio de relatos de pesquisas ou na observação direta das condições da vida urbana. Suas concepções atravessam as fronteiras tradicionais dos conhecimentos especializados e permitem a comparação entre países e experiências locais, assumem dimensão internacional.

Embora as instituições liberais inglesas alicerçadas fizessem com que até a caridade se inscrevesse em leis, os relatos indicam o conflito com as administrações locais. Uma sequência de iniciativas jurídico-políticas do governo buscam romper com a inércia dessas autoridades com leis como a *Town improvement clauses Act* e a *Commissioners clauses Act* de 1847, a *Public Health Act and the Nuisances Removal and Diseases Prevention Act* de 1848, acompanhadas pela criação da administração sanitária central, a *Board Health* e Edwin Chadwick nomeado seu diretor.¹⁷ Ao comentar os bons e os maus resultados dessas iniciativas, o médico Jules Rochard expressa, entretanto, seu otimismo sobre as reformas sanitárias e a alteração das concepções estéticas:

Em suma, a segunda metade deste século foi marcada pelo remanejamento enérgico das cidades e de seus solos em relação à higiene. Talvez elas tenham perdido algo do pitoresco, mas muito ganharam, como é correto e inevitável, em beleza real, se considerarmos que a beleza implica antes de tudo a limpeza. (ROCHARD, 1891: 23-24)

Na década final do século XIX, parte do relatado por Buret sobre determinados bairros desaparecera da capital francesa sob a ação das intervenções do prefeito Haussmann. Entretanto, trechos da *Encyclopédie d' Hygiène* de Rochard indicam a pouca alteração das condições dos novos arrabaldes urbanizados habitados por operários e dos bairros centrais ocupados pelo comércio e a pequena burguesia. A despeito dos trabalhos de intervenção urbana do Segundo Império, prevaleciam as ruas estreitas, pouco arejadas e parcamente alcançadas pelos raios solares, pátios em forma de poços: "Tudo conjugado, diz ele, compõe condições às quais não podemos

¹⁶ VILLERMÉ, 1840, *apud* BURET, Livro II, Cap. I, sessão II: 340-349. Ver também Valentin (1993).

¹⁷ Em Londres, em 1854, o Parlamento obriga com relativo sucesso o escoamento das águas usadas ser feito pelo esgoto, dado que 30.000 fossas fixas haviam sido eliminadas. O sucesso relativo e duvidoso ficou por conta dos esgotos defeituosos e na forma como conduziam seu conteúdo ao Tâmbisa, o que permitia o refluxo quando dos movimentos da maré. Apesar do "defeito", o exemplo de Londres e seu sistema de *intercepting sewers* fora imediatamente aplicado em Paris (na época já com 800 km) e em Berlim pelo "sistema radial", bem como propiciara desenvolver o sistema duplo de canalização - *Separate-System* (ROCHARD, 1891: 22-28).

mais nos habituar, quando já vivemos em casas novas e bem organizadas” (ROCHARD, 1891: 391).

De certo modo, sua descrição dos lugares habitados pela pequena burguesia em contraste com as casas que deveriam ter sido construídas segundo as novas normas da higiene confirmam a dificuldade da difusão dos preceitos sanitários e em se obter bons resultados em curto prazo. Rochard prossegue em suas observações:

É necessário descer mais e abordar as casas da classe operária, para compreender quanto o mal é grande e a que ponto a questão é grave. Essas moradias são de dois tipos. Uma consistem em uma ou várias peças alugadas por operários que possuem mobiliário e instalam às vezes sua oficina em sua moradia; outras consistem em quartos ou peças ainda menores (*cabinets*) mobiliados alugados, principalmente para dormir, seja para celibatários que trabalham e comem fora ou para pessoas de passagem. (ROCHARD, 1891: 391)

Nos anos 1840 a Prússia também entrava no percurso da industrialização e suas características: a densificação das cidades com o afluxo anual de 12.000 migrantes vindos das áreas rurais, o que provocou em Berlim o extravazamento extramuros. A situação se tornou mais dramática com as más colheitas de produtos alimentícios básicos no decorrer dessa década. A curva ascendente do crescimento demográfico mostra que entre 1820 e 1850 a população da cidade cresceu de 200.000 para 400.000 habitantes, e em 1872, após a unificação da Alemanha, atingia 800.000 habitantes, dados oferecidos por Baumeister em 1876. A penúria de habitações para a população constitui questão essencial e dela decorria os delineamentos da expansão urbana e os preceitos edilícios. (PICCINATO-CALABI, 1974: 187 e segs)¹⁸

2. A inserção das casas operárias nas grandes cidades - Programas e laboratório de experiências - a habitação mínima como padrão: “*minimum provision*”

Jusqu’à l’époque du choléra, personne n’avait songé en Angleterre à s’enquérir de l’état sanitaire des habitations de classes pauvres. (BURET, 1840: 327)

As denúncias relativas às más condições das habitações da população pobre se multiplicam nos anos subsequentes e entram pelo século XX sem que uma resposta

¹⁸ Remeto para a versão italiana do livro de Baumeister: *L’espansione urbana nei suoi aspetti tecnici, legislativi et ed economici (Stadterweiterungen in technischer, baupolizeilicher und wirtschaftlicher Beziehung* – primeiro manual alemão publicado em Berlim: Ernstundkorn, 1876. Consta da antologia organizada por Donatella CALABI in PICCINATO, 1974.

adequada mereça uma clara e definitiva iniciativa do poder público ou dos empresários. O tripé pobreza-doenças-perigo social se afirma como base sobre a qual se organiza parte substancial das intervenções nas cidades e a preocupação em oferecer casas adequadas à população operária encontra ressonância simultânea às iniciativas sanitárias em equipamentos coletivos urbanos. Há, portanto, a correlação indicada por Béguin, entre os programas de implantação de redes de equipamentos urbanos e a submissão dos programas arquitetônicos à infraestrutura instalada e às imposições sanitárias:

O que faz a originalidade das concepções de salubridade (na primeira metade do século XIX, não são os princípios que, em essência permanecem os da reflexão dos médicos do século XVIII, mas seu investimento em grande obras (...)) Assim, não é mais ao arquiteto que é confiada a tarefa de extrair, a partir de sua própria experiência e das lições de Vitruvius, as normas que devem orientar as construções... (BÉGUIN, 1991: 41-42)

Em palestra aos colegas do *Institute of British Architects* em 21 de janeiro 1850, Henry Roberts (1998: 5) expunha ideias e projetos:

Desejo submeter a estudo o ponto de vista prático dos melhoramentos das habitações das classes operárias. Na exposição, será de início abordado os princípios gerais, aplicáveis tanto nas cidades como no campo e, em seguida serão considerados em separado esses dois tipos de habitação.

Na introdução à edição de 1998 de artigos do arquiteto Roberts, Micheál Browne, que também os traduziu para o francês, discorre sobre a significativa produção de textos e projetos de autoria de arquitetos, publicados, em periódicos especializados como o *The Builder*, dirigido por um arquiteto, ou o *The Illustrated London News* de circulação mais ampla (BROWNE, 1998: XXIII-XLVIII). Há, porém, na introdução da palestra de Roberts uma observação importante em relação à multiplicidade de formações profissionais e interesses envolvidos no assunto somados às recomendações dos médicos, e uma atenção especial pelos trabalhadores da construção civil:

Além das razões que solicitam tão agudamente o filantropo e o economista político, me parece haver várias delas que recomendam em particular o exame do arquiteto. Basta um instante de reflexão para mostrar que as mais nobres realizações da arquitetura foram feitas com a contribuição das classes trabalhadoras, cuja habilidade e indústria perseverante conduzem tanto ao renome do arquiteto quanto ao valor do soldado que tece a coroa da vitória sobre a frente de seu general triunfante (ROBERTS, 1998: 1).

Na conferência o autor solicita a paciência da plateia para um assunto “destituído dos charmes que tornam nossa profissão atraente”. O teor pragmático de sua exposição logo deixa para trás as referências poéticas e busca ganhar a atenção de empresários da construção e empregadores de numeroso operariado, para a fonte de lucros consideráveis a serem auferidos com essas moradias, além do conforto, da boa saúde e da boa moral a serem proporcionados às famílias. Para demonstrar a exequibilidade de um novo padrão de moradia operária que denomina “*minimum provision*” (*logement minimum*), Roberts se vale de casas-modelo expostas na *Exhibition Model Houses*, projeto apoiado pelo príncipe Albert por ocasião da Exposição Universal de Londres em 1851. Em uma cidade, cujo censo do ano anterior contabilizava uma população de 2.363.000 habitantes, a ideia da “habitação mínima” foi considerada um sucesso, aferido pelo numeroso público interessado, mais de 7.400 pessoas por dia. (BROWNE, 1998: XXXV) Embora as casas-modelo se situassem na parte externa do Palácio de Cristal, a SICLC (*The Society for Improving the Condition of the Labouring Classes*) se preocupou em levar para o interior da Exposição uma coleção de “aparelhos sanitários” e os expôs em uma estrutura modelo. Esses equipamentos foram depois recolhidos e expostos no *Economical Museum*, fundado por um amigo de Roberts, que cuidou de nele instalar uma biblioteca dedicada a obras sobre economia política e reforma doméstica (BROWNE, 1998: VIII, XXXV-XXXVI).

Ao que tudo indica, a iniciativa obteve sucesso também no exterior e merece comentário elogioso em palestra do francês Édouard Ducpetiaux no *Congrès international de bienfaisance* de Bruxelles, Sessão de 1856, um economista crítico da “economia política” por apoiar “a exploração ímpia do homem pelo homem” (BROWNE, 1998: XXXVI).¹⁹ A palestra de Roberts foi publicada na França no mesmo ano por ordem do então presidente da República, Luis Napoleão, em texto abreviado na Alemanha, e em 1852 saiu na *North American Review* (BROWNE, 1998: IX-X).

Roberts expõe em texto de 1862 a disposição “essencial para uma habitação salubre” e se detém, sobretudo, em questões técnicas de modo a facilitar a adoção do modelo. Prescreve a dimensão dos quartos, considerada a volumetria necessária à circulação do ar, a disposição do hall de entrada, a ventilação e a iluminação da cozinha e *wather closet* (*w.c.*) permitidas pelas escadas externas, ambos na parte posterior da casa; e tudo disposto na superfície de 40 m². Até uma lixeira de

¹⁹ Edouard Ducpetieux, autor de *De la condition physique et morale des jeunes ouvriers et des moyens de l'améliorer* (2 vols. 886 pp., Bruxelas: Meline, Cans et Compagnie, 1843), ocupava o cargo de inspetor geral das prisões e dos estabelecimentos de benemerência, era membro da comissão encarregada do projeto sobre o trabalho infantil na Bélgica, da comissão central de estatística, da sociedade de ciências médicas e naturais e do conselho central de salubridade pública de Bruxelas, etc... [como consta na capa do livro].

fechamento automático sob a pia da cozinha conduziria a sujeira para um depósito no subsolo e, como no caso do *w.c.*, um sifão assegurava a eliminação dos dejetos. Propunha um mobiliário rudimentar para espaços reduzidos, armários adoçados aos cantos das paredes e venezianas de janelas conversíveis em mesas. Suas propostas ganham variantes no caso de projetos rurais e urbanos: no campo a casa familiar disporia de um jardim fronteiro e um pomar posterior; na cidade, a "*minimum provision*" se tornava elemento dos *blocks of dwellings* adaptados aos rendimentos dos operários; nos subúrbios, o modelo padrão variava segundo as categorias socioeconômicas de seus futuros ocupantes, nos programas de moradias "pavillonnaires" e de pequenas casas em série. Contudo, e aqui podemos avaliar a importância dos dispositivos legais, dada a ausência de legislação sanitária a impor as normas estipuladas para essas habitações, os empresários se limitaram a construir casas que lhes permitiam lucros mais elevados (BROWNE, 1998: XXXVII).

A introdução de Browne aos trabalhos de Roberts confirma as palavras do médico Jules Rochard (1891) a respeito das preocupações do príncipe consorte Albert em relação às casas operárias e a pouca atenção dada à questão pelos empresários da construção civil. O próprio Roberts se desencoraja perante as dificuldades econômicas encontradas, dentre as quais a imensa maioria da classe operária frente ao total da população de Londres – 70% das 2.363.000 pessoas em 1851 – e o pequeno número de moradias propiciadas pelas duas principais sociedades filantrópicas que só atingia 1.273 pessoas (BROWNE, 1998: XLI).

Entretanto, em 1891, Rochard considerou bem sucedidos os empreendimentos realizados na capital inglesa, ainda que a iniciativa do príncipe Albert, datada de 1841, tivesse enfrentado vários obstáculos, dentre os quais, levantar o capital necessário para prover moradias operárias numa mesma área. Relaciona uma série de associações formadas com essa finalidade, dentre as quais a recém-fundada *Metropolitan Association for improving the dwellings of the industrious classes* (1848) iniciativa de Sir Robert Peel, em condições de exibir em 1851 a construção de 14 conjuntos de moradias – imóveis coletivos e isolados – as quais alojavam 1.433 famílias, 7.165 pessoas; *The Improved Industrial dwellings Company*, fundada em 1863 pelo prefeito de Londres ao reunir alguns capitalistas e a soma de 1.250.000 francos, cujos rendimentos já lhes haviam proporcionado, em 24 anos, a soma de 25 milhões e a propriedade de 30 imóveis nos quais habitavam 5.834 famílias. Elogia a boa disposição das casas: escadas bem iluminadas, quartos amplos e arejados, e dotadas de *w.c.*, proscritas as alcovas. Outra empresa, a *Artisans, Labourers and general dwelling Company*, formada por operários em 1866, também obtivera

URBANA, V.6, nº 8, jun.2014 - Dossiê: Cidade e Habitação na América Latina - CIEC/UNICAMP

sucesso, ainda que para tanto o terreno comprado fosse afastado da área central. A enorme área de 20 hectares permitira, porém, uma boa urbanização com avenidas traçadas e casas construídas por arquitetos, de modo que em 1874 contava com 1.2000 casas habitadas por locadores responsáveis por aluguel regular (ROCHARD, 1891: 418-427).

No sentido contrário do sucesso dessas companhias, a *East End dwellings Company* não lograra atrair “a parte sã e honesta da classe pobre” que se recusava a compartilhar o espaço com o denominado *residuum*,²⁰ ou rebotalho da miséria. Porém, afiança o médico, o procedimento disciplinador da administração expulsara os locatários indesejáveis e, na data em que escrevia, os aposentos estavam ocupados por locatários satisfeitos. Havia em Londres, na década de 1890, 28 sociedades de construção semelhantes a essas, na maioria, iniciativas privadas e muitas formadas por obras filantrópicas como as de Miss Octavia Hill (ROCHARD. 1891: 416-425).

Rochard prossegue e sua exposição chega à Bélgica, onde encontra pouco sucesso, à Holanda, em posição diferenciada, país em cujos subúrbios de todas as cidades, exceto Amsterdam, se concentravam casinhas operárias muito limpas. Passa pela Suíça, onde as moradias operárias seriam numerosas “graças ao espírito de associação correlato a democracia”; pela Dinamarca, que lograra oferecer moradias a 4% da população, das quais 13% à classe indigente; pela Itália, país com movimento bastante recente, exceto em Milão onde a partir de 1879 se construíra numerosas “casas admiradas por todos os higienistas”; segue pela Espanha, e se detém em Barcelona, para registrar como os operários conseguiam comprar suas casas ao lado de centros industriais; chega afinal à Alemanha, objeto de avaliação negativa, pois, diz Rochard (1891: 426-434), embora lá, o problema das moradias operárias seja matéria de debates desde 1840, as respostas se limitaram a habitações do tipo casernas, empreendimentos puramente especulativos.

Em Paris, a referência é Luis Napoleão e a “*cit  Napoléon*”, iniciativa sua, apoiada em *The Dwellings of the Labouring Classes* de autoria do arquiteto inglês Henry Roberts. O vasto edifício compunha-se de 194 habitações, porém inacessível ao bolso dos operários, os quais, aliás, demonstravam aversão por esse tipo de moradia, pejorativamente denominado “*cit s-casernes*”. Já fruto da especulação seriam grandes edificações, estas de fato “semelhantes   casernas”, como a *Cit  Jeanne*

²⁰ A denominação *residuum* foi atribuída aos pobres considerados incapazes para o trabalho, o resíduo inútil da sociedade. Ver JONES, Gareth Stedman. *Outcast London. A study in the relationship between classes in Victorian Society*, Penguin Books, 1971. Em seu trabalho há um importante capítulo sobre moradias, em especial para os trabalhadores informais e sazonais vinculados às docas e estaleiros de Londres, pp. 159-237.

d'Arc formada por “um grupo de dez casas”, separadas por pequenas ruelas e becos sem acesso à luz do sol, somando 1200 alojamentos, construído sem nenhuma atenção às leis da higiene. Ou seja, para ele, nesse conjunto de casas “os locatários se cruzam constantemente em promiscuidade perigosa para a higiene e a moral”, situação pior ainda no interior das moradias, mal conservadas e sempre sujas. As condições inadequadas da *Cité Jeanne d'Arc* se reproduziam em outros conjuntos habitacionais de Paris (ROCHARD, 1891: 393-395). Demais projetos, como os dos irmãos Pereire também não haviam atingido o objetivo proposto, em parte, interrompidos pela guerra franco-prussiana de 1870. Em relação à questão da moradia operária, na França, sua conclusão aponta o pouco interesse dos arquitetos e o evidente predomínio dos reformadores sociais na definição do padrão construtivo.

Rochard atravessa o Atlântico e chega a Nova York, onde a situação insular de Manhattan pouco espaço oferecia ao crescimento populacional e cujo resultado fora a densificação na expansão vertical “em alturas fenomenais”. Contudo, a cidade por ser de urbanização recente via-se ainda livre de bairros infectos, ao contrário das cidades europeias; por outro lado, a ausência de intervenção do governo deixava toda iniciativa na dependência da iniciativa privada. Assim, embora contasse com um *Board of Health* desde 1866, somente em 1879 se obrigara a submissão das construções novas às disposições e ao controle do *Board*. Suas conclusões a respeito dessas cidades, Londres, Paris e New York, mostravam estarem as *cottages* ocupadas somente pela elite da população trabalhadora²¹.

Muito da resistência e mesmo rejeição aos blocos de habitações coletivas vinha associada à imagem das casernas, edifícios-alojamentos para soldados, mas também dizia respeito à experiência de casas operárias na Alemanha. Embora se interpussem enormes diferenças econômicas e sociais em relação à Inglaterra e França, cidades alemãs e em particular Berlim, ressentiam-se, desde a década de 1840, das más condições dos bairros ocupados pela população pobre. Em 1850, a capital prussiana atingia somente 447.000 habitantes a despeito do fluxo de migrantes oriundos das suas cercanias, somados aos provindos de áreas mais distantes da Prússia pelas oportunidades oferecidas pela nascente industrialização. A maior parte desses recém-chegados se fixou em áreas externas aos muros da cidade, onde a ocupação se fazia de forma irregular e incentivou a construção de blocos

²¹ As digressões de Jules Rochard sobre as habitações operárias nessas cidades ocupam as páginas 416-434 do longo capítulo IV - Les Habitations, autoria compartilhada por Léon Faucher, p. 317-676. O capítulo anterior é de autoria de Rochard e inteiramente dedicado à “cidade subterrânea”; as especificações do solo e os vários equipamentos subterrâneos e de superfície merecem informações técnicas detalhadas (ROCHARD, 1891: 149-315).

ocupados densamente. A expansão extramuros não modifica, até acentua as más condições de vida nas áreas ocupadas pelo operariado e os novos habitantes passam a ser acusados pela autoridade local de trazerem os maus hábitos rurais e de serem a causa do "Pauperimus" em Berlim (READ, 1985: 17-25).

As descrições dos subúrbios em expansão repetem avaliações sobre a insalubridade e a superpopulação das casas, porém, lá, à exceção de alguns "círculos conservadores" preocupados frente ao que consideravam uma ameaça à ordem social, a indiferença se mostrava geral. Em sua maioria, os conservadores se opunham à promulgação de leis destinadas a regulamentar programas de reformas sociais; opunham-se, por princípio, à noção de "contrato social", para eles um construto legal artificial, inspirado nos princípios liberais ingleses e franceses. Essa oposição à intervenção estatal se aferrava à concepção organicista da sociedade: a família, uma criação divina, constituía o microcosmo social e um dos pilares da sociedade; decorrentemente, as relações sociais seriam um desdobramento das relações intrafamiliares e obedeceriam à uma pretensa ordem natural. Em aparente paradoxo, liberais radicais com base no princípio do "governo mínimo" aproximavam-se dos conservadores e também se opunham à ação estatal. Seria em viagem à Inglaterra, França e Bélgica, apoiada por conservadores próximos ao rei, que Victor Aimé Huber conheceria de perto a situação desses países e, em particular, as áreas industriais inglesas o levariam a fazer terríveis previsões para o que estava por vir para a Alemanha, caso o exemplo inglês não servisse de aprendizado. O tom de suas palavras assume a retórica filosófica romântica e se assemelha a de Carlyle no recurso à personagens míticos – "Mamom" (a personificação dos ricos como deidade ou espírito do mal) e ao rebaixamento da capacidade intelectual e expectativa dos trabalhadores – "encher seus estômagos" (READ, 1985: 18-28).

Huber se define em claro contraste à concepção orgânica de sociedade e ao radicalismo dos liberais defensores do "governo mínimo", e se aproxima de grupos de liberais menos radicais, ou social liberais, unidos em Sociedade para a autoria e edição do dicionário de princípios políticos liberais, o *Staatslexikon*. A proposta quanto à urgência de um programa de reforma social ganha a adesão de vários acadêmicos, empresários e médicos. Como grupo, não tinham opiniões convergentes em todos os aspectos do problema social, porém, todos concordavam com a necessidade de leis que assegurassem pensões para os trabalhadores idosos, esquemas para auxílio a doenças e alguma forma de imposto progressivo; incluía em suas propostas restrições ao trabalho infantil e às condições insalubres e perigosas nos locais de trabalho e ainda, a definição de um salário mínimo. A lista de sugestões ia além: visava a

URBANA, V.6, nº 8, jun.2014 - Dossiê: Cidade e Habitação na América Latina - CIEC/UNICAMP

formação de cooperativas para ajuda mútua, melhorias nas prisões, a instrução e treinamento do trabalhador capazes de colocá-lo em boas condições para competir no mercado. Completava suas propostas, a aplicação dos fundos das cooperativas na provisão de casas para os operários, já que enfrentavam dificuldades em fazer face aos altos alugueis berlinenses, para tanto a sociedade sem fins lucrativos, a *Berliner gemeinnützige Baugesellschaft*, colocava em ação a disposição social-liberal de aplicar suas ideias (READ, 1985: 28-31).

Read se detém longamente nos debates que transcorrem até a unificação da Alemanha e afirma ter se tornado crucial a questão da moradia operária somente nas décadas de 1860 e 1880. Fora necessário estabelecer e se reconhecer o sólido vínculo entre os problemas médicos e sanitários, ou seja, os prejuízos causados pela ausência de ventilação e insolação decorrentes do padrão de edificação dos blocos de moradias de baixo custo, denominadas *Mietskaserne* (*rent barracks/casernas de aluguel*) (READ, 1985: 59). O padrão *Mietskaserne* mereceu violentos ataques nos anos de 1870 quando a especulação imobiliária atingia níveis sem precedentes e, contudo se manteve até pelo menos a década de 1890 (READ, 1985: 73-74).

Em pesquisa recente, Rolf Kuck (2010) analisa os projetos de *Mietskaserne*, todos eles de iniciativa de caráter privado e aparentemente realizados por organizações filantrópicas e sociais. Seu foco se fixa no exame detido da maior dessas unidades de habitações coletivas, a "*Meyer's Hof*", modelo para o que seria denominado de "cidade dentro da cidade". O projeto de iniciativa de Jacques Meyer – industrial do ramo têxtil – fora encomendado, em 1872, ao arquiteto Adolf Erich Writting para ser implantado em área de subúrbio berlinense. O bloco de edifícios já construído em 1875 contava com 257 unidades habitacionais de tamanhos variados e a fachada ricamente decorada encobria, diz Kuck, sua verdadeira identidade e contrastava com os apartamentos pequenos, úmidos e escuros, em particular os situados nos porões e compartilhados por muitas das famílias mais pobres. Os moradores se viam submetidos a rígido sistema disciplinar, incluídos o fechamento do complexo à noite, a proibição da permanência prolongada de pessoas perto das portas dos apartamentos e nos pátios, nas escadas e corredores, resíduo da tradição militar da noção de caserna, afirma Kuck. A intenção de "domesticar" o trabalhador induzindo-o a hábitos saudáveis e moralizados une, como na Inglaterra e na França, a preocupação sócio-filantrópica à preocupação de controle político.

3. A Ideia Sanitária: da imobilidade de projeções utópicas ao novo nomadismo urbano

A preocupação com a casa mínima destinada a alojar famílias de trabalhadores e de pequenos comerciantes e nelas induzi-los a novos hábitos cederia seu lugar no início do século XX para a casa mínima redefinida em suas dimensões em obediência ao objetivo de “profundas mudanças da estrutura social”.

A intenção de sanear e de moralizar hábitos ficara nas propostas de meados do século XIX. Em 1844, o Dr. Southwood, médico da equipe de pesquisas coordenadas por Edwin Chadwick no início da década de 1840, apostava na intenção de fixar o trabalhador por meio de uma moradia adequada, como recurso para modificar hábitos e assegurar saúde individual e coletiva, para, em suma, solucionar parte do problema sociopolítico. Em suas palavras:

Uma casa limpa, arrumada, bem organizada, exerce sobre seus habitantes uma influência tanto moral como física e tende a tornar cada membro da família sóbrio, tranquilo, respeitoso dos sentimentos e bem-estar dos outros; (...) hábitos de respeito pela propriedade e pelas leis (...) enquanto é evidente que uma habitação repugnante, miserável, malsã (...) torna cada ocupante desse cortiço egoísta, sensual, indiferente aos sentimentos e bem-estar dos outros; (...) [neles] vive essa franja da população, ladrões, assaltantes e outros debochados que constituem a chaga de nossa sociedade... (RICHARDSON, 2006: 81)²²

Essa posição orientaria os programas das habitações operárias desde, pelo menos, os projetos de Henry Roberts de 1850, a *minimum provision*, estaria presente entre teóricos, como o alemão Reinhard Baumeister, que em 1876 acentua a importância das boas moradias para manter ativa a estreita correlação entre a boa saúde física e a mental, de modo a evitar, não só a baixa moral, mas a degeneração dos indivíduos (BAUMEISTER, 1876:204). As projeções modelares fariam, pois, um longo percurso no decorrer do século XIX e prosseguiriam século XX adentro e nem por isso deixariam de se repetir os contrastes entre os projetos e o efetivamente edificado, mantendo-se a sugestiva denominação “casernas” para os alojamentos da população trabalhadora.

Nas décadas iniciais do século XX desenha-se um deslocamento significativo. O modo de vida e a coesão familiar haviam se modificado rapidamente nas grandes cidades, e em Berlim, o arquiteto Gropius reconhece a exigência de uma nova concepção de moradia aliada a de mobilidade urbana. A crescente importância da noção de direito individual e a socialização do trabalho como consequência da

²² Depoimento do Dr. T. Southwood-Smith no *First Report of the Commissioners for inquiring into the state of Large Towns and Populous Districts*, British Parliamentary Papers, 1844, vol. XV.

introdução da máquina na produção, leva a família patriarcal, antigo reduto da produção econômica recua e, diz Gropius, a dar lugar a configuração de uma nova unidade familiar:

Com o aumento dos meios de transporte, a mobilidade do indivíduo aumenta. A família se dispersa e seu número diminui. (...) A economia financeira elimina a economia fundada nas trocas. O espaço das atividades da família se tornou muito restrito para empregar todos seus membros, a casa muito cara e muito pequena para abrigar e ocupar de forma permanente os filhos adultos. (...) o sedentarismo termina e uma nova vida nômade começa para os indivíduos favorecida pelo rápido aumento dos meios de transporte mecanizados. (...) O poder da coesão familiar recua frente o direito público... (GROPIUS, 1929: 72)

O apartamento de aluguel suplanta a casa de família, há o despertar da mulher e de sua autonomia, abre-se um maior espectro de possibilidades que a arranca do trabalho doméstico. Posições como as expressas por Gropius em numerosas palestras e artigos dos anos 1910 e 1920 mostram a significativa presença dos arquitetos na área da construção civil. A própria profissão de arquiteto passara a se equilibrar entre duas concepções, a da cultura do passado com o predomínio da imagem do arquiteto artista que impõe sua visão aos edifícios que projeta, e a do arquiteto técnico, própria à época moderna, o arquiteto submetido a fatores que lhes são impostos. Walter Gropius estaria no centro dessas duas concepções (RICHARD, 1995: 7-8).

Em 1910, Gropius sintetizaria como profissional o embate entre essas duas concepções da formação do arquiteto: "Ele aspira", diz Richard no prefácio da coletânea *Walter Gropius. Architecture et société*, "a uma síntese entre as exigências do técnico e as forças nascidas de uma 'vontade artística'. Quer ser 'criador de formas', servindo-se do modo mais eficaz possível das conquistas científicas". Embate sem síntese estendido por Gropius para as posições opostas, criticadas por ele, assumidas por empresários e arquitetos, ambos na busca de seus próprios interesses financeiros em evidente prejuízo para a qualidade das construções. Se arquitetos projetavam edificações caras para assegurar sua parte nos lucros, os empresários agiam no sentido contrário, o de baratear a construção a expensas da má qualidade dos materiais empregados e dos baixos salários. A partir dessa avaliação, Gropius definia o projeto de formar uma Sociedade, a Bauhaus, na qual se associariam o "trabalho artístico do arquiteto à atividade econômica do empresário" ao serem incorporados certos preceitos dos processos industriais (GROPIUS, 1995: 18-19).

Nascido na Alemanha do início do século e formado nas escolas técnicas superiores de Munique e Berlim, ele seria, um dos profissionais de maior destaque como precursor da arquitetura moderna. O eixo de sua trajetória profissional, a busca de síntese entre as exigências técnicas e a “vontade artística”, ganha, quando trabalha por dois anos no atelier de Peter Behrens (1908-1910), o preceito de que as formas deveriam ser adaptadas a sua função. Nesse período de dois anos junto ao atelier de Behrens, cruzou por vezes com Mies van der Rohe (RICHARD, 1995: 7-8), com quem trabalharia mais tarde na escola vanguardista de arquitetura Bauhaus.

Na contramão da especialização do trabalho do engenheiro e do arquiteto, Gropius enfatizava já em 1910 a importância da contribuição da medicina, da psicologia, da sociologia e das estatísticas e se opunha aos colegas que ainda acreditavam na necessidade de “dissimular as duras realidades da nova vida urbana e industrial” aprisionados à ideia da “continuidade dos conceitos estéticos imutáveis, tais como haviam sido desenvolvidos pelos séculos precedentes”. A partir de sua opção se opôs à arquitetura maciça de Behrens na Alemanha e de Auguste Perret na França e idealizou uma “estrutura metálica como base e suporte de paredes de vidro”. Na busca por uma matriz racional para a habitação operária, opõe-se a tipologia “caserna”, prevalecente desde a unificação alemã em 1871, e aderiu já antes de 1914 a um “ideal de reforma social”, porém adicionada à intenção de desenvolver a “educação estética” pressupondo o par “harmonia nas formas e harmonia social” como mola do progresso moral, também ele preocupado com evitar uma “catástrofe social”. Após a 1ª Guerra mundial, retomava em 1922 seu intuito de formar uma Sociedade exposto na conferência de 1910. Em texto de 1923, Gropius expõe os princípios de produção da Bauhaus e retoma o projeto do bairro Siemensstadt em Berlim; entre 1926 e 1927 constrói em Dessau o conjunto de edificações composto para abrigar as oficinas e moradias de estudantes e de professores, já apoiado nos “princípios de produção Bauhaus” (RICHARD, 1995, 7-15; 35-40).

Entre as posições do Dr. Southwood-Smith, de Henry Roberts, Meyer, Perret, entre outros, e a assumida por Gropius no início do século XX se dispõem – a meu ver – não só projeções poéticas, utópicas, ideadas *ex nihilo*, sem referências a projetos anteriores, tal como *Hygeia* de Richardson, mas projetos idealizados a partir de circunstâncias bem definidas como o de Ebenezer Howard²³.

²³ Recorri para essas observações a três trabalhos sobre Howard e a cidade-jardim a Peter Hall (1995) em “A cidade no Jardim. A solução Cidade-jardim: Londres, Paris, Berlim, Nova York (1900-1940)”, Katherine Burlen (1987); Philip Gunn (2009), Carlos Roberto Monteiro de Andrade (1998).

Dentre as idealizadas *ex nihilo*, a do médico Benjamin Ward Richardson, trazida a público em 1875, expunha a possibilidade de se construir “uma cidade da saúde”, na qual “a taxa de mortalidade anual de 50% poderia ser reduzida a 5% e até menos”. Atribui a ideia a Edwin Chadwick e define como objetivo “tornar a existência nesse mundo melhor, mais feliz.” Embora reconhecesse ser inerente “à evolução da civilização” o aumento progressivo da resistência física de homens e mulheres, bem como o fortalecimento de suas constituições, Richardson se mostrava convicto da possibilidade de acelerar o processo atuando sobre o meio ambiente. Expõe a exequibilidade de sua concepção da boa cidade, *Hygeia*, no decorrer do congresso anual da *Social Science Association*, para uma plateia também ela formada por “homens de ciência e políticos”. A *City of Health*, publicada em 1876 foi dedicada a Chadwick e nela o autor qualifica o jurista como “homem de Estado especialista no domínio da higiene, formador e guia judicioso da opinião pública” (RICHARDSON, 2006: 54-55). Significativa esta dedicatória quando lembramos ter sido Chadwick (1800-1890) secretário de Jeremy Bentham, além de responsável pela *Poor Law Amendment Act* de 1834 e coordenador das comissões encarregadas das pesquisas acerca das condições sanitárias de Londres e das cidades industriais inglesas, pois indica a longa persistência de sua atuação e renome entre reformadores sanitários. Muito da proximidade de Richardson e Chadwick provinha da convergência de interesses, pois o médico não só participara das pesquisas sobre as epidemias de cólera desde 1855, mas também publica numerosos artigos em revistas especializadas até 1895, conjuntamente ao ensino de medicina no *Royal College of Physicians* de Londres (PERROT, 2006: 5-9).

Tal como Ebenezer Howard proporia, duas décadas depois para suas “cidades-jardins”, Richardson pensa a vantagem de se construir uma cidade *ex nihilo*, embora afirme que as cidades existentes poderiam nela se inspirar como modelo. Repete a preocupação de seus antecessores, lembro Thomas More em *Utopia* e anos depois, Le Corbusier em *La ville de trois millions d'habitants*, ao fixar o número de habitantes – 100.000, de casas – 20.000, e a dimensão do terreno – 4.000 acres, correspondendo a uma média de 25 pessoas por acre. A elevada proporção pessoa/acre seria contrabalançada por casas com no máximo quatro andares, ventiladas e banhadas de sol, rodeadas por jardins o que possibilitaria boa aeração e esgotamento de poças de água no solo.

Na palestra detalha os cuidados com a superfície e subsolo, as ruas traçadas em grelha, pavimentadas e arborizadas, dotadas de calçadas laterais, completado o conjunto por edifícios públicos e privados, armazéns e estrebarias (RICHARDSON, URBANA, V.6, nº 8, jun.2014 - Dossiê: Cidade e Habitação na América Latina - CIEC/UNICAMP

2006: 62-64). Fixa o declive das bordas laterais das ruas para permitir o escoamento das águas e a instalação dos equipamentos subterrâneos destinados a conduzir o gás e a permitir a evacuação da sujeira doméstica, impedindo o refluxo pela adoção do sifão, tudo conduzido para fora da cidade. Abolia qualquer construção no subsolo – cozinhas, e em particular as moradias infectas de milhões de empregados domésticos e operários. Todas as casas teriam *water-closets* no térreo e no primeiro andar e um sistema de fluxo contínuo impediria a contaminação da água potável. A tranquilidade e o silêncio da área residencial estariam assegurados pela distância das fábricas e pelas vias férreas subterrâneas. Ainda que na continuidade da palestra Richardson detalhe a localização dos vários serviços, e dedique especial atenção aos hospitais em todas as suas dependências, à escolas e matadouros, Richardson não prescreve as dimensões para vias, construções e demais equipamentos da cidade. Adjetivos como, amplos, arejados, ensolarados etc. indicam a preocupação com a boa disposição e remetem às prescrições sanitárias, sem que haja especificação técnica precisa (RICHARDSON, 2006: 64-76).

Ebenezer Howard, 23 anos depois, ao propor em 1898 sua cidade ideal em *To-morrow: A Peaceful Path to Real Reform*, reeditada em 1902 e renomeada *Garden-Cities of To-morrow*, reconhece, ao contrário de Richardson, ter se inspirado em ideias alheias. Peter Hall afirma ter ele recolhido inspiração durante sua permanência nos Estados Unidos (foi pioneiro em Nebraska, vivenciou a reconstrução de Chicago depois do incêndio de 1871 e de Riverside, o bairro jardim projetado por Federick Law Olmsted), porém ele mesmo reconhece se apoiar em ideias de vários contemporâneos seus: o norte-americano Henry George (lei de distribuição de terras, 1862), o russo Kropotkin, os ingleses Charles Booth, Hebert Spencer, Alfred Marshall e em trabalhos anteriores, como os de Owen, Ledoux, More, Fourier (HALL, 1995: 105-107).

No final do século XIX, Londres mantinha a condição de maior capital do mundo com aproximadamente 6 milhões de habitantes apesar da perda de muitas manufaturas deslocadas para regiões do centro e norte do país, o que em parte fez com que parcela significativa de pobres ou indigentes reacendesse a projeção da ameaça política e do persistente problema social. Na esteira de Richardson, Howard segue as ideias darwinistas sobre a suposta degeneração física e mesmo racial das populações das grandes cidades e nelas apoia seu projeto de reforma urbana. Projeção radical prevendo “substituir a rede urbana existente por outra inteiramente nova composta de cidades-jardins reunindo cada uma 30.000 habitantes, dispostas

em torno de um núcleo central de 50.000 habitantes”, uma tipologia de “cidades sociais’ de 250.000 habitantes”²⁴.

Até certo ponto pode-se indagar o quanto idealizações como as de Richard e Howard, e o crescimento periférico de cidades inglesas e dos Estados Unidos em subúrbios compostos por casas individuais no decurso do século XIX pautaram as propostas de “habitações mínimas” de Gropius em 1929. Se há nele a clara e inequívoca ambição da padronização e industrialização de componentes construtivos, há também a preocupação com as áreas verdes, já antes de 1934 quando emigra para a Inglaterra e os Estados Unidos, ausentes nos projetos “casernas” alemães. Em suma, para Gropius “a soma do trabalho efetuado na construção imobiliária dos anos 1918-1928, após a Primeira Guerra Mundial, indicava ter o desenvolvimento da habitação mínima chegado a um ponto morto” e, em 1931, se mostra inclinado a “alojamentos em meio a espaços verdes”; os considera ser “a habitação do futuro das grandes aglomerações urbanas”. Distingue sua proposta do “horror de uma ameaça de americanização, associada a imóveis muito altos, ruas sombrias, apartamentos sem luz nos andares inferiores e ausência de vegetação” ao prever apartamentos com área de esportes, espaços verdes, solários, clubes e salas de leitura, pois para ele “hoje em dia se aspira a lugares que facilitem o contato humano e cuja atmosfera descontraída e despreocupada seja propícia aos jogos de espírito”. E confirma:

A casa de moradia do futuro, ao oferecer todas essas possibilidades, em nada lembrará o imóvel de aluguel do passado, pequeno e confinado. Ele aliará um máximo relativo de luz, de ar, de calma e de vegetação a um mínimo de deslocamento e de despesas. (GROPIUS, 1995: 110)

Referências

ANDRADE, Carlos Roberto Monteiro de. **Barry Parker**. Um arquiteto inglês na cidade de São Paulo, Tese de Doutorado FAU-USP, 1998.

BAUMEISTER, Reinhard. L’espansione urbana nei suoi aspetti tecnici, legislativi ed economici, Erns und Korn, Berlim:1876 in PICCINATO, G. E Calabi, D. **La costruzione dell’urbanistica. Germania** 1871-1914, Roma: Officina Edizioni, 1974, pp. 187-256.

²⁴ Em estudo sobre a cidade-jardim, Katherine Burlen afirma que este programa só poderia ser discutido seriamente na Grã-Bretanha, país que atingia seu nível máximo de urbanização na virada do século XIX, com 80% da população vivendo em cidades. Prossegue e afirma o nível de expectativa subsidiando as ideias de Howard que considera mais ambiciosas do que as de cidades lineares de Le Corbusier e a *Broadacre City* de Frank Lloyd Wright. (Burlen, 1987: 68-71)

BÉGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. **Espaço & Debates** n. 34, 1991.

BRESCIANI, Maria Stella. As sete portas da cidade. **Espaço & Debates** n. 34, 1991a, p.10-18.

_____. Metrôpoles: as faces do monstro urbano (as cidades no século XIX). **Revista Brasileira de História**, v. 5, nº 8/9, 09.1984/04.1985.

_____. Permanência e ruptura nos estudos da cidade. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco A. A. de F. (org.). **Cidade & História**. Salvador: UFBA, 1991b, pp. 11-26.

BROWNE, Micheál, L'oeuvre d'un "arquitecte scientifique" Introdução a Henry Roberts. **Des Habitations des Classes Ouvrières**. Paris/Montreal: L'Harmattan, 1998.

BULLOCK, Nicholas; READ, James. **The movement for housing reform in Germany and France. 1840-1914**, Cambridge, Londres, Nova York, Nova Rochelle, Melbourne, Sidney: Cambridge University Press, 1985.

BURET, Eugène. **La misère des classes laborieuses en Angleterre et en France**. Paris: Paulin, Libraire, 1840, edição fac-símile, tomo 1º.

BURLEN, Katherine (dir.) **Henri Sellier et les cités-jardins 1900-1940**. Vincennes: Presses universitaires de Vincennes, 1987.

CARLYLE, Thomas. The French Revolution; Chartism. In: **Thomas Carlyle Selected Writings**, Penguin Classics, 1980.

CARS, Jean des; PINON, Pierre. **Paris-Haussmann**, Paris: Picard, 1991.

CHAWICK, Edwin. **Report to her Magesty's principal secretary of state for home department from the poor law commissioners on na inquiry into the sanitary conditions of the labouring population of G. B.** London, 1842.

CORBIN, Alain. **Saberes e odores**. O olfato e o imaginário social nos séculos dezoito e dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DUCPETIEUX, Edouard. **De la condition physique et morale des jeunes ouvriers et des moyens de l'améliorer**. 2 vols. , Bruxelas: Meline, Cans et Compagnie, 1843.

ENGELS, Friedrich. **La situation de la classe ouvrière en Angleterre**, Paris: Éditions Sociales, 1960.

GROPIUS, Walter. **Walter Gropius**. Architecture et sociedade, Paris: Editions du Linteau, 1995.

GUNN, Philip. **Debates e proposições em arquitetura, urbanismo e território na era industrial**. Organização: Telma de Barros Correa. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2009.

URBANA, V.6, nº 8, jun.2014 - Dossiê: Cidade e Habitação na América Latina - CIEC/UNICAMP

- HALL, Peter. **Cidades do amanhã**. Trad. Perola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- JONES, Gareth Stedman. **Outcast London**. A study in the relationship between classes in Victorian Society, Penguin Books, 1971.
- KAY, Sir James. The Moral and Phisical condition of the Working Classes employed in the Cotton Manufacture in Manchester (1832) in: PIKE, Royston E. **Human Documents of the Industrial Revolution in Britain**, Londres: George Allen & Unwin LTD, 1966.
- KUCK, Rolf. **Mietskaserne**. ExploreLab 8. Research paper tutored by John Heints, Delft University of Technology, 2010. Disponível em: <http://preservedstories.com/wp-content/uploads/2013/01/Mietskaserne-1.pdf>. Acesso em: 10.out.2013.
- PERROT, Hygeia, rhapsodie en gris, prefácio à **Hygeia**. Une cite de la santé; Benjamin Ward Richardson. Apresentação e tradução de Frédérique Lab, Paris: Éditions de la Villette, 2006.
- PICCINATO, Giorgio. **La costruzione dell'urbanistica**. Germania 1871-1914. Roma: Officina Edizioni: 1974.
- PIKE, Royston E. **Human Documents of the Industrial Revolution in Britain**. London: Allen & Unwin, 1966.
- RICHARDSON, B. W. **Hygeia**. Une cite de la santé. Paris: Ed. de la Villete, 2006.
- ROBERTS, Henry. **Des Habitations des Classes Ouvrières**. Paris/Montreal: L'Harmattan, 1998.
- ROCHARD. Jules. **Encyclopédie d'Hygiène et de Médecine publique**. Livre III – Hygiène urbaine, Paris: Lecrosnier et Babè, Libraires-Editeurs, 1891.
- ROYSTON, E. **Human Dcouments of the Industrial Revolution in Britain**. Londres: George Allen & Unwin Ltd, 1973.
- SMITH, Adam. **A Riqueza das Nações** (1776). São Paulo: Abril Cultural, 1993.
- VALENTIN, Dr. Michel. **Louis-René Villermé et son temps (1782-1863)**. Les Mans: Editions Docis, 1993.
- VILLERMÉ, L. R. **Tableau de l'état physique et moral des ouvriers**. 2 vol., Paris, 1840.
- WELTER, Volker M. **Biopolis**. Patrick Geddes and the City of Life, Cambridge/Massachussets-Londres: MIT Press, 2002.